

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização de Comunicação Pública da Ciência

Ana Elisa de Siqueira Santos

**A PAUTA DO CLIMA NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA EM PERSPECTIVA
DE GÊNERO: uma análise do portal Gênero e Número**

Belo Horizonte
2023

Ana Elisa de Siqueira Santos

**A PAUTA DO CLIMA NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA EM PERSPECTIVA
DE GÊNERO: uma análise do portal Gênero e Número**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Comunicação Pública da Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Soares da Costa.

Belo Horizonte
2023

301.16 S237p 2023	<p>Santos, Ana Elisa de Siqueira.</p> <p>A pauta do clima na produção jornalística em perspectiva de gênero [recurso eletrônico] : uma análise do portal Gênero e Número / Ana Elisa de Siqueira Santos. - 2023.</p> <p>1 recurso online (38 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Verônica Soares da Costa.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Comunicação Pública da Ciência - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Jornalismo científico. 3. Clima. 3. Mulheres no jornalismo.4.Mudanças climáticas. I Costa, Verônica Soares da . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE ESPECIALIZAÇÃO

Realizou-se, no dia 28 de junho de 2023, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "A pauta do clima na produção jornalística em perspectiva de gênero: uma análise do portal Gênero e Número", apresentado por **ANA ELISA DE SIQUEIRA SANTOS**, número de registro 2020668194, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Comunicação Pública da Ciência da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Verônica Soares da Costa - Orientadora, Profa. Vanessa Oliveira Fagundes e Prof. Bernardo Esteves Gonçalves da Costa.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que será assinada pelos membros participantes da Comissão.

Belo Horizonte, 28 de junho de 2023.

Profa. Verônica Soares da Costa - Orientadora

Profa. Vanessa Oliveira Fagundes

Prof. Bernardo Esteves Gonçalves da Costa



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Oliveira Fagundes, Usuária Externa**, em 29/06/2023, às 09:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Verônica Soares da Costa, Usuário Externo**, em 29/06/2023, às 11:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Esteves Gonçalves da Costa, Usuário Externo**, em 29/06/2023, às 12:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2384310** e o código CRC **D3C33F06**.

RESUMO

Este estudo busca analisar como uma produção jornalística autodeclarada feminista aborda temas relacionados às mudanças climáticas e dialoga com a realidade das mulheres brasileiras. Para desenvolver o trabalho escolhemos como objeto de pesquisa o Gênero e Número, um portal nativo digital, criado em 2016, que se autodeclara uma produção feminista. A partir da perspectiva do jornalismo de subjetividade (MORAES, 2019), buscamos investigar como um jornalismo que se posiciona aborda a pauta do clima. Além disso, observamos aspectos de interseccionalidade na abordagem proposta pelo site. Ou seja, examinamos se há interação entre fatores sociais, como gênero, raça e classe nas reportagens sobre o clima produzidas pela Gênero e Número, e como eles se manifestam textualmente nas reportagens. Para desenvolvermos a pesquisa, optamos por seguir como orientação metodológica a proposta das textualidades midiáticas (LEAL, 2018). Assim, consideramos que o texto vai além das palavras escritas e ordenadas em parágrafos e que há uma interdependência intrínseca entre a comunicação e as textualidades. O trabalho se organiza em quatro seções: primeiro a introdução, seção que traz o contexto da pesquisa e debate a justificativa do tema explorado. Na sequência, apresentamos uma breve revisão bibliográfica sobre os temas que ajudam a dar formato às questões de pesquisa, seção intitulada "Perspectivas subjetivas para a abordagem jornalística do clima". Após essa revisão e apresentação metodológica, adentramos na análise do objeto de estudo, discutida em três tópicos: "Mulheres como fontes", "Dados" e "Interseccionalidade". Por fim, apontamos as percepções que emergem do conjunto de dados analisados. Entre os pontos observados, destacamos que as escolhas editoriais e dos redatores conferem à pauta do clima retratada pela Gênero e Número uma abordagem com destaque para o viés político e econômico.

Palavra-chave: jornalismo científico; jornalismo climático; jornalismo feminista; mudanças climáticas; ciência e clima.

ABSTRACT

This study seeks to analyze how a self-declared feminist journalistic production addresses issues related to climate change and dialogues with the reality of Brazilian women. To develop the work, we chose as our research object *Gênero e Número*, a native digital portal, created in 2016, which calls itself a feminist production. From the perspective of subjective journalism (MORAES, 2019), we sought to investigate how a journalism that positions itself approaches the climate agenda. In addition, we observed aspects of intersectionality in the approach proposed by the site. In other words, we examined whether there is interaction between social factors such as gender, race and class in the climate reports produced by *Gênero e Número*, and how they manifest themselves textually in the reports. To carry out the research, we opted to follow the methodological orientation proposed by media textualities (LEAL, 2018). Thus, we consider that the text goes beyond the words written and ordered in paragraphs and that there is an intrinsic interdependence between communication and textualities. The paper is organized into four sections: first, the introduction, a section that provides the context for the research and discusses the justification for the topic explored. Next, we present a brief literature review on the topics that help shape the research questions, in the section entitled "Subjective perspectives for the journalistic approach to climate". After this review and methodological presentation, we move on to the analysis of the object of study, discussed in three topics: "Women as sources", "Data" and "Intersectionality". Finally, we point out the perceptions that emerge from the set of data analyzed. Among the points observed, we highlight that the editorial choices and those of the editors give the climate agenda portrayed by *Gênero e Número* an approach that emphasizes the political and economic bias.

Keywords: science journalism; climate journalism; feminist journalism; climate change; science and climate.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Resultado busca de reportagens por palavras-chave	17
Figura 1 - reprodução de tela da reportagem	21
Figura 2 - reprodução de tela da reportagem	21
Figura 3 - reprodução de tela da reportagem	22
Figura 4 - reprodução de tela da reportagem	22
Figura 5 - reprodução de tela da reportagem	24
Figura 6 - reprodução de tela da reportagem	24
Figura 7 - reprodução de tela da reportagem	25
Tabela 3 - Entrevistadas (os) das reportagens	25
Figura 8 - reprodução de tela da reportagem	29
Figura 9 - reprodução de tela da reportagem	29
Figura 10 - reprodução de tela da reportagem	31
Figura 11 - reprodução de tela da reportagem	31
Figura 12 - reprodução de tela da reportagem	32

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	9
2- PERSPECTIVAS SUBJETIVAS PARA A ABORDAGEM JORNALÍSTICA DO CLIMA...13	
3- O QUE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS TÊM A VER COM A VIDA DAS MULHERES?..17	
3.1 - Mulheres como fontes	20
3.2 - Dados	28
3.3 - Interseccionalidade	30
4- CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXO	37

1. Introdução

Atualmente, a pauta do clima é tema central e importante para a discussão da ciência. É cada vez mais urgente olhar para as ações individuais e coletivas que contribuem para as mudanças climáticas. A crise sanitária global, causada pela disseminação mundial da COVID-19, é um dos alertas para possíveis cenários críticos que a humanidade pode vivenciar com frequência caso não seja possível frear os efeitos do aquecimento global.

O *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC), criado em 1988, é o órgão das Nações Unidas (ONU) para avaliar a ciência relacionada às mudanças climáticas. Com o trabalho voluntário de cientistas de 195 países, incluindo o Brasil, o IPCC se organiza em três Grupos de Trabalho sendo eles:

Grupo de Trabalho I - responsável pelas análises das bases físicas e científicas das mudanças do clima;

Grupo de Trabalho II - responsável pelo impacto da mudança do clima na sociedade, ecossistemas, adaptação e vulnerabilidade;

Grupo de Trabalho III - responsável pela análise das estratégias de mitigação das mudanças climáticas.

Em agosto de 2021, o IPCC divulgou o relatório do Grupo de Trabalho I, que aponta impactos irreversíveis, trazendo desafios para as governanças e cidadãos de todo o mundo. A divulgação desse relatório causou grande comoção na comunidade acadêmica e trouxe notoriedade para a pauta climática nos noticiários, com questionamentos para a (in)ação das nações. Poucos meses depois da divulgação do relatório do IPCC, ocorreu a COP26, evento realizado em Glasgow (Escócia, Reino Unido), que reuniu líderes das nações mais ricas do globo para discutir medidas de enfrentamento aos efeitos do aquecimento global.

Na COP26, o Brasil apresentou como meta que, até 2030, vai trabalhar para a redução de 50% das emissões dos gases associados ao efeito estufa e, até 2050, para a neutralização das emissões de carbono. A promessa ousada do país foi criticada pela imprensa nacional, como no trecho a seguir, publicado pela CNN:

O número foi acima do esperado por especialistas. O analista de internacional da CNN Lourival Sant'Anna afirma que as iniciativas apresentadas pelo Brasil envolvem projetos que preservam a floresta nativa e, também, recuperam áreas desmatadas. Mas outras nações ficaram incomodadas com a falta de detalhes da proposta do governo brasileiro sobre como pretende alcançar as metas anunciadas na COP26. Sant'Anna

fez um cálculo e constatou que existe uma controvérsia em relação aos números anunciados pelo Brasil.¹

A meta também foi duramente criticada pelo portal *Brasil de Fato*:

Compromisso vazio. As duas palavras sintetizam o sentimento da comunidade internacional e de ambientalistas brasileiros sobre a meta proposta pelo governo Bolsonaro de cortar emissões de gases em 50% até 2030 e a promessa de zerar o desmatamento ilegal em sete anos.²

O Brasil, por possuir riquezas naturais diversas, exuberantes e ricas, tem os holofotes mundiais sempre atentos e vigilantes. Em contrapartida, os recordes de queimadas, desertificação, extração de madeira ilegal e garimpo ilegal vêm crescendo nos últimos anos, como apontam dados de institutos que atuam na preservação dos biomas brasileiros. Segundo o Instituto SOS Pantanal, em 2020, os incêndios no Pantanal foram os piores da história (análise contempla registros até o ano 2021), tendo sido consumidos pelo fogo 26% do território.

Além dos prejuízos causados à preservação desse importante bioma, o Brasil também registrou um aumento da perda de vegetação nativa em todos os outros biomas. Conforme aponta o Conselho Federal de Biologia, somente no ano de 2021, o desmatamento aumentou 20% em todo o território brasileiro. Por isso, a apresentação da meta do país na COP26, após o alerta do relatório do IPCC, tornou-se objeto de grande expectativa e crítica. As decisões do governo Bolsonaro em relação ao meio ambiente trouxeram questionamentos sobre como colocar em prática as metas apresentadas na Conferência do Clima em 2021.

Esse importante evento é o marco inicial para a definição do escopo de análise deste trabalho, que busca investigar como um portal que assume um posicionamento feminista, aborda temas sobre mudanças climáticas. Além disso, também temos a intenção de identificar como a construção dessas narrativas noticiosas pode contribuir para um entendimento mais complexificado da ciência sobre o tema, seja na percepção da ciência como um processo, seja nas matizes subjetivas que o site assume para si.

¹ Entenda os compromissos assumidos pelo Brasil na COP26. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-os-compromissos-assumidos-pelo-brasil-na-cop26/>>. Acesso em: 15/05/2023

² LOBATO, Alicia. COP26: Revisão do Brasil para meta de emissões é “compromisso vazio”. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/02/cop26-revisao-do-brasil-para-meta-de-emissoes-e-compr-omisso-vazio>>. Acesso em: 15/05/2023.

O lugar de observação da pesquisa é o *Gênero e Número*, um portal nativo digital, criado em 2016, com o objetivo de produzir “jornalismo e informação orientados por dados e análises sobre questões urgentes de gênero e raça, visando qualificar debates rumo à equidade”³. Silva e Woitowicz (2023) e Popadiuk e Woitowicz (2021) estudam *Gênero e Número* a partir da perspectiva de um jornalismo alternativo feminista. Como ressaltam as autoras, o jornalismo alternativo é um movimento emancipatório que busca ampliar as vozes no debate na esfera pública. No que se refere às questões relacionadas às mulheres, percebe-se que o jornalismo alternativo feminista permite a produção de conteúdos noticiosos sobre diversas pautas, inserindo os debates sobre gênero, equidade e raça de maneira mais orgânica (POPADIUK e WOITOWICZ, 2021).

Essa visão está alinhada ao posicionamento explícito da *Gênero e Número*, publicado em sua página institucional. Ao explicar o “Como fazemos”, a associação declara:

Diversidade e transparência são valores que regem o nosso trabalho. Somos independentes de grandes grupos de mídia e uma organização apartidária. Temos uma equipe diversa que trabalha com pesquisa, ciência de dados e jornalismo, sob uma gestão atenta à escuta da equipe, para aprofundarmos temas relacionados às agendas da equidade racial e de gênero. A partir de dados e de vozes legítimas, produzimos conteúdos de referência para pessoas e organizações comprometidas com o diálogo amplo que a democracia pressupõe.⁴

Nessa proposta de uma produção jornalística que visa à diversidade de temas e abordagens, nos detemos na produção da *Gênero e Número* sobre mudanças climáticas. Entender como o jornalismo feminista dialoga com seu público sobre a temática é fundamental para construção de políticas igualitárias e empoderamento das mulheres. Como disse Alok Sharma, presidente da COP26,

[...] clima e gênero estão intimamente interligados, afinal, o impacto da mudança climática afeta as mulheres e meninas de forma desproporcional, uma vez que elas correspondem a 80% dos deslocados por desastres e mudanças climáticas em todo o mundo.⁵

³ Trecho da página institucional do site *Gênero e Número*. Disponível em: <https://www.generonumero.media/sobre/>

⁴ Trecho da página institucional do site *Gênero e Número*. Disponível em: <https://www.generonumero.media/sobre/>

⁵ COP26: 80% dos deslocados por desastres e mudanças climáticas são mulheres. Nações Unidas Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/157806-cop26-80-dos-deslocados-por-desastres-e-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-s%C3%A3o-mulheres>>. Acesso em: 15/05/2023.

O trabalho se organiza em quatro seções: primeiro a introdução, presente seção que traz o contexto da pesquisa e debate a justificativa do tema explorado. Na sequência, apresentamos uma breve revisão bibliográfica sobre os temas que ajudam a dar formato às questões de pesquisa, seção intitulada "*Perspectivas subjetivas para a abordagem jornalística do clima*". Após essa revisão e apresentação metodológica, adentramos na análise do objeto de estudo, discutida em três tópicos: "Mulheres como fontes", "Dados" e "Interseccionalidade". Por fim, apontamos as percepções que emergem do conjunto de dados analisados.

O recorte temporal para o primeiro movimento exploratório de seleção das reportagens a serem analisadas foi de outubro de 2021, mês em que ocorreu a COP26, a novembro de 2022, mês em que ocorreu a COP27. Essa escolha considera a relevância das conferências mencionadas para a pauta global da ciência e também os eventos políticos que marcaram o ano de 2022 no Brasil. A mudança de governo representa a expectativa de posicionamento, investimentos e nova proposta de ações que dizem respeito às políticas públicas sobre o meio ambiente. Na COP27, o presidente eleito do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, já estava presente como o futuro representante da nação brasileira.

Na sequência, escolhemos as palavras-chave para buscar as notícias, reportagens e entrevistas, processo que detalhamos nas próximas seções. Após essa primeira triagem quantitativa, selecionamos as reportagens para análise dos textos.

Para desenvolvermos a pesquisa, optamos por seguir como orientação metodológica a proposta das textualidades midiáticas (LEAL, 2018). Assim, consideramos que o texto vai além das palavras escritas e ordenadas em parágrafos e que há uma interdependência intrínseca entre a comunicação e as textualidades. Nesse sentido, como ressalta Bruno Leal (2018), os textos são práticas sociodiscursivas historicamente situadas e, quando analisados a partir dessa perspectiva, é possível inseri-los nos estudos das ciências humanas.

Essa é a ótica adotada para o desenvolvimento da análise empírica apresentada neste trabalho. Quando olhamos para as questões climáticas apresentadas no portal *Gênero e Número*, estamos em uma experiência de observação e participação, enquanto leitoras mulheres, captando o que emerge nesse percurso. Como esse jornalismo se posiciona em relação à ciência? Como as questões climáticas se relacionam com o cotidiano das mulheres? Quais questões

científicas perpassam as reportagens? Como as mulheres são retratadas nas reportagens que tratam dos desafios climáticos? Essas são algumas das indagações que direcionam o nosso olhar para o objeto de estudo.

Partindo, então, da proposta inicial de analisar como uma produção jornalística autodeclarada feminista aborda temas relacionados às mudanças climáticas, temos como objetivo principal identificar como essa produção dialoga com a realidade das mulheres brasileiras. Pretendemos também investigar como um jornalismo que se posiciona, a partir da perspectiva do jornalismo de subjetividade (MORAES, 2019), aborda a pauta do clima. Além disso, nos interessa observar aspectos de interseccionalidade na abordagem proposta pelo site. Ou seja, examinar se há interação entre fatores sociais, como gênero, raça e classe nas reportagens sobre o clima produzidas pela *Gênero e Número*, e como eles se manifestam textualmente nas reportagens.

2. Perspectivas subjetivas para a abordagem jornalística do clima

Não tem como a ciência existir sem a comunicação e sem a divulgação científica. A princípio, essa pode parecer uma afirmação pretensiosa escrita por uma jornalista. No entanto, essa constatação foi observada no desenvolvimento de estudo, conduzido no âmbito de um mestrado em Educação da primeira autora deste trabalho, que investiga a divulgação de um conhecimento científico-acadêmico em uma revista especializada por meio da Teoria Ator-Rede (SANTOS, 2018).

Em resumo, um dos resultados principais do estudo mencionado ressalta a numerosidade de aliados necessários para a produção do conhecimento científico, sendo que os atores envolvidos nessa produção não estão restritos aos muros das universidades, laboratórios e centros de pesquisa. Os cientistas precisam arregimentar aliados nas diversas esferas sociais, realizando sucessivos movimentos de translação⁶, para a manutenção da produção do conhecimento científico. Nesse contexto, o jornalismo se apresenta como um aliado fundamental para angariar apoio político, econômico e respaldo social.

⁶ Sucessivos movimentos necessários para colocar seus projetos/pesquisas em circulação, sendo essa mediação indispensável à ocorrência de qualquer ação. As cadeias de translação referem-se ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses. (LATOURE, 2001, p. 356 *apud* SANTOS, 2018).

Na pesquisa citada, destaca-se como o modelo de divulgação científica praticado pelo periódico analisado evidencia que a ciência é um produto e um processo coletivo. Assim, a revista *Minas Faz Ciência* age como um facilitador na construção da cidadania, pois permite ao público conhecer parte do processo de produção do conhecimento e dos produtos científicos e tecnológicos. Essa pesquisa se desenvolveu a partir da análise de reportagens sobre questões ambientais e climáticas envolvendo controvérsias científicas⁷ relacionadas à fontes “limpas” de produção de energia elétrica, especificamente na discussão da matriz energética brasileira.

A partir desse repertório, que olha para a produção noticiosa sobre ciência, e compreendendo a pluralidade da produção do conhecimento científico, e que a ciência não é um produto alheio ao público não especialista, é que observamos como o jornalismo feminista atua na disseminação e produção do conhecimento científico sobre mudanças climáticas.

Conforme apresentado na introdução, é notória a urgência do debate público sobre mudanças climáticas. Nesse quesito, reforçamos o protagonismo que o jornalismo pode desempenhar como aliado na promoção do diálogo entre os diversos atores envolvidos na pauta do clima. Ampliar a participação feminina nesse debate, é fortalecer um dos elos importantes para essa pauta, visto que os impactos dessa crise não são neutros em termos de gênero conforme mostram os textos da *Gênero e Número* analisados neste estudo. Para essa discussão, nos apoiamos em autores que abordam a comunicação considerando a perspectiva de gênero.

Como destaca Rayza Sarmiento (2020), a interseccionalidade é uma dimensão analítica importante para abordagens feministas contemporâneas:

É necessário discutir como ser mulher, negra e pobre tem um impacto diferente na vida produtiva e nas relações construídas. Contudo, isso não pode ser feito isolando as “variáveis” ou pensando causalidades entre elas, e sim a partir de como esse todo se constrói diante dos cruzamentos de marginalizações. (SARMENTO, p. 6, 2020)

O impacto das mudanças climáticas para a população feminina deve ser considerado nessa ótica, compreendendo as particularidades, o contexto político, econômico, social e geográfico que cada indivíduo mulher se encontra. Longe de

⁷ Segundo Latour, quando um fato, tido como verdade, é questionado, instala-se uma controvérsia. Esta oferece a possibilidade de observar a criação dos fatos científicos por meio dos rastros deixados pelas ações dos atores envolvidos. (SANTOS, 2018).

querer unificar o “sujeito feminino” em um bloco coeso e uniforme (SARMENTO, 2020), entendendo que existem realidades distintas para as mulheres e que cada uma delas pode assumir posições diferentes no mundo, em um movimento constante e dinâmico.

Importante ressaltar que o nosso olhar para a pauta do clima na *Gênero e Número* não tem como objetivo classificar o que é uma divulgação científica feminista ou observar se o portal pode ser considerado um produto de divulgação científica. Até porque a própria organização não se propõe a cumprir esta finalidade. Nosso objetivo, ao direcionar o olhar para uma iniciativa que repensa os modos tradicionais do fazer jornalístico e da divulgação do conhecimento científico acadêmico, é observar como a ciência aparece em produto jornalístico pautado pelo debate de gênero e, mais especificamente, como a pauta do clima é discutida por um viés feminista, que pode ser tomado como um aliado, no sentido da Teoria Ator-Rede, para novas formas de debater a questão climática.

Essa linha de abordagem nos permite observar como as questões do clima são discutidas e apresentadas na perspectiva das mulheres e como o tema se relaciona com o cotidiano delas. Além disso, este estudo não ateu-se a discutir as características do jornalismo feminista, descrever as diferenças entre este e o jornalismo tradicional ou problematizar o jornalismo especializado. Adotamos como ponto de partida o posicionamento editorial que a *Gênero e Número* assume, que é o de uma empresa social, liderada por mulheres, que tem “a transparência, a diversidade e a independência editorial como valores inegociáveis”⁸.

Sendo assim, decidimos desenvolver esta análise a partir da perspectiva de um jornalismo de subjetividade, definição proposta por Fabiana Moraes (2019). Para a autora, a subjetividade é uma “ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos”. Pensar o jornalismo de subjetividade é questionar a reprodução, difusão e manutenção das hierarquias e valores racistas, machistas e excludentes de públicos minorizados. É também ampliar o potencial transformador que o banal tem, deixando em segundo plano o espetacular e exótico que tanto pauta a produção jornalística e ofusca temas relevantes e comuns, mas sem *glamour*.

⁸ Trecho da página institucional do site *Gênero e Número*. Disponível em: <https://www.generonumero.media/sobre/>

Segundo Moraes, o jornalismo de subjetividade preza pela “semelhança, e não pela diferença (o eu, “normal”, o outro, “espetacular”), pode ser um caminho importante para fissurar essa prática estabilizada, na qual há a recusa a modos de existência não hegemônicos.”. A fissura que esse jornalismo busca, como lembra a autora, está atrelada ao próprio propósito da atividade. Trazer a subjetividade ao protagonismo não é combater o “bom jornalismo”, isento de opiniões, mas entender que repensar as práticas da elaboração da notícia já é, em si, uma perspectiva ativista.

A questão é que “tomar partido” é algo que está no DNA do jornalismo, e se isso foi um dia declarado (como nos jornais opinativos do século XIX), passou a ser encoberto justamente pelo manto da objetividade. A pureza é um mito, como já sintetizou o artista Hélio Oiticica nos anos 1960. Desde seu nascimento, o jornalismo massivo é permeado, sabe-se, por interesses econômicos, ou seja, a isenção nunca foi uma característica dessa área do conhecimento. Apesar disso, insiste-se em realizar separações absurdas entre práticas “puras” enquanto outras, ao deixarem claros os propósitos de suas produções, são menos confiáveis. (MORAES, 2019, p.216)

Moraes reforça que a subjetividade não isenta o jornalismo de suas ferramentas fundamentais, que são a apuração, pesquisa e produção polifônica. Mas, ao aproximar-se de uma prática ativista, proporciona notoriedade a fatos pouco noticiáveis, imprimindo novos critérios e resultando em um jornalismo com mais espaço para a reflexão da própria prática. Em resumo, o jornalismo de subjetividade serve para questionar os valores-notícia, como ferramenta para desestabilizar representações engessadas e se aproximar de uma prática mais ativista sem desqualificar esse fato.

É a partir dessa perspectiva, de um jornalismo que se posiciona, que vamos olhar a produção da *Gênero e Número*. Como as reportagens dialogam, apresentam e representam o cotidiano das mulheres representadas? Faz parte do escopo de análise deste estudo uma série especial denominada “Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido”, composta por três reportagens, que retrata as dificuldades que as mulheres sertanejas enfrentam com o aumento da desertificação, no semiárido do nordeste brasileiro, em decorrência das mudanças climáticas.

A seguir, apresentamos o desenvolvimento da observação dessa e de outras questões que emergem do conjunto de textos analisados.

3. O que as mudanças climáticas têm a ver com a vida das mulheres?

Para desenvolver este estudo, realizamos um primeiro movimento exploratório quantitativo do objeto de análise, que se deu a partir de um recorte temporal e da delimitação de um tema por meio da busca de palavras-chave específicas. Como apresentado na introdução deste trabalho, definimos como o recorte temporal o intervalo de outubro de 2021 a novembro de 2022. Para buscar reportagens divulgadas no portal *Gênero e Número* no período que abordassem temas relacionados às mudanças climáticas, selecionamos 15 palavras-chave para realizar a pesquisa dos textos no portal.

Pela opção “pesquisar”, disponibilizada no site *generonumero.media*, realizamos as buscas utilizando as palavras-chave: 1- Mudanças climáticas, 2- Clima, 3- Meio ambiente, 4- Impacto ambiental, 5- Impactos ambientais, 6- Aquecimento global, 7- Amazônia, 8- COP 26, 9- COP 27, 10- Conferência do clima, 11- Conferência das partes, 12 - Temperatura, 13- Efeito estufa, 14- Emissão de gases, 15- CO2. Esse processo resultou no escopo apresentado a seguir:

Tabela 1 - Resultado busca de reportagens por palavras-chave

PALAVRA-CHAVE	DATA PUBLICAÇÃO	TÍTULO REPORTAGEM
Mudanças climáticas	26/10/2021	Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises
Mudanças climáticas	27/10/2021	No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré
Mudanças Climáticas / Clima	Sem data	WEBSTORIES - O que mudanças climáticas têm a ver com a vida das mulheres?
Clima	28/10/2021	Crise do clima no semiárido contribui para sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório
Clima	7/4/2022	ENTREVISTA - “Vivemos em sociedades violentas onde abuso, violência sexual e assédio são naturalizados”
Clima	20/6/2022	“Nós, mulheres, vamos erradicar o patriarcado”, convoca nova vice-presidenta da Colômbia, Francia Márquez
Clima	10/11/2022	A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro

Tabela elaborada pela autora deste trabalho.

Como pode-se observar pela tabela apresentada, considerando o período de análise, só obtivemos resultados para duas palavras-chave, que são "Mudanças climáticas" e "Clima". Para as demais palavras-chave pesquisadas, não obtivemos nenhum resultado, ou os textos não se enquadraram no recorte temporal pré-definido. Interessante destacar que os dois termos que retornaram com resultados são palavras-chave genéricas e abrangentes. Esse fato nos leva a considerar algumas questões: será uma estratégia de vincular as reportagens à palavras-chave que desempenham um melhor resultado nas buscas dos leitores do site? O que isso pode indicar sobre a abordagem da pauta sobre o clima na *Gênero e Número*? Esses questionamentos serão explorados no decorrer da análise.

Após selecionar as reportagens, nos dedicamos a mapear possíveis pontos de convergência entre os textos a fim de identificar uma linha de abordagem da *Gênero e Número*. A partir desse movimento, que permitiu realizar uma análise mais panorâmica, buscamos compreender como o produto aborda temas sobre mudanças climáticas agregando pautas pertinentes ao cotidiano do público leitor do conteúdo. Para isso, elaboramos categorias que pudessem identificar padrões na elaboração dos textos noticiosos. A partir da perspectiva das textualidades midiáticas (LEAL, 2018), compreendemos que para compor o texto jornalístico são utilizados elementos, como imagens, infográficos, destaque de palavras, recursos audiovisuais e hiperlinks, que operam como fonte de informação assim como as palavras escritas.

Por esse motivo, também não limitamos a seleção do escopo de análise a um gênero jornalístico específico. Visando um panorama amplo sobre a produção da *Gênero e Número*, incluímos na análise as reportagens, assim como Webstories, entrevista, notícia e infográfico. Como um produto multiplataforma, que contempla os diversos formatos, meios e canais de distribuição, consideramos o conteúdo da *Gênero e Número* no ambiente digital sem restrição.

Essa escolha está alinhada ao viés metodológico, conforme descrito anteriormente, e também a compreensão do entrelaçamento dos conteúdos noticiosos com os demais fatores e fenômenos que interagem no ciclo comunicativo. De acordo com Costa e Cruz (2020), a partir do século XX, quando a cultura escrita alterou-se profundamente devido à revolução digital, nossa sociedade desenvolveu uma nova relação com os textos e as textualidades. Isso se deve não só pela

mudança nas técnicas de produção e circulação dos textos, mas também pela inserção e multiplicação dos formatos e canais por onde esses textos circulam.

Sobre tal ciclo comunicativo, cabe notar que o surgimento da textualidade eletrônica e a materialidade no suporte da tela transformaram nossas relações com os textos. [...] No caso do texto eletrônico, é preciso pontuar que a etapa atual em que vivemos, de grande propagabilidade em rede, torna-o ainda mais complexo. Para Furtado (2006), cria-se nova economia para a edição e a distribuição de conteúdo, pois multiplicam-se os formatos, meios e canais de distribuição no ambiente digital. Isso repercute em dimensões culturais e sociais de escrita e leitura, alterando o modo como pessoas interagem com textos. (COSTA e CRUZ, 2020, p.177)

Essa interação com o texto abrange tanto escolhas do leitor quanto escolhas editoriais/institucionais. O leitor, por exemplo, escolhe o modo de entrada no texto, o percurso da leitura, que pode ser atravessado links e produção multimídia, e até o compartilhamento do conteúdo em outras plataformas com a adição de um comentário. Por parte do veículo, além das escolhas envolvidas na produção do conteúdo (seleção da pauta, fontes, tamanho do conteúdo etc), são consideradas estratégias de divulgação que demandam abordagens diferentes, de acordo com a característica de cada plataforma de veiculação, formato midiático e público alvo.

Isso quer dizer que o mesmo conteúdo, pode ganhar formatos e linguagem distintas e, da mesma forma, proporcionando leituras diversas. Nesse sentido, as textualidades midiáticas também consideram as interlocuções, como ressalta Antunes *et al* (2018), que podem ocorrer em publicações diferentes, seja de um mesmo veículo ou não, por meio de um tema em comum, por exemplo. Essas interlocuções contemplam todo um repertório de signos e símbolos que compõem a vida dos leitores. Sendo assim,

[...] o texto de um jornal poderá dialogar com outras práticas sociais de leitura comuns a seu público leitor que poderá tecer nós de uma rede unindo as linhas dos jornais a elementos da TV, de redes sociais, romances, canções, entre outros.(Antunes *et al.*, 2018, p.39)

Nesse sentido, compreendemos que o recorte temporal, marcado por dois eventos mundiais amplamente divulgados (COP 16 e 27), também compõem a tessitura das narrativas jornalísticas apresentadas para análise. É para esse complexo emaranhado de informações, que de forma alguma estão dispersas, que voltamos a nossa atenção.

As categorias que utilizamos para trabalhar a análise consideram tanto questões estruturais do texto jornalístico, como diversidade de fontes, quanto objetivos específicos de análise, por exemplo, perfil das fontes, autores e menção de marcos e eventos específicos, como a Conferência do Clima. As categorias foram elaboradas de maneira que pudessem responder a pergunta de maneira objetiva e simples (sim ou não), facilitando a visualização e comparação dos dados. A tabela completa está disponível como apêndice deste TCC (Tabela 2).

Elencamos, a seguir, as percepções que emergem do conjunto de dados coletados. Para facilitar a leitura da análise e organização da apresentação dos dados, vamos descrever a análise em três tópicos: "Mulheres como fontes", "Dados" e "Interseccionalidade".

3.1 - Mulheres como fontes

Iniciamos por quem dá vida aos textos: as autoras identificadas são mulheres. Retomando uma reflexão inspirada por Fabiana Moraes (2019), quando nos deparamos com um relato jornalístico feito por mulher, falando com mulher e sobre o contexto da mulher em dada situação, observamos uma potente conexão que proporciona um espaço comum de fala que não parte do distanciamento ou do estranhamento. Ainda que as mulheres envolvidas nas narrativas (autoras, entrevistadas e leitoras) assumam posições sociais diferentes e partam de contextos distintos, acreditamos que, na perspectiva do jornalismo subjetivo, uma produção construída por/com mulheres em todos os lados do processo comunicativo cria a possibilidade de um vínculo com quem se fala e de quem se fala (MORAES, 2019, p.210).

Apesar dessa possibilidade, não observamos um movimento de aproximação nos textos analisados. A narrativa é construída sem deixar rastros de uma realidade partilhada, é o outro que fala, especialmente na série *"Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido"*. Não observamos, nos textos desse especial, o deslocamento das repórteres, ou seja, não há registro de um encontro com as fontes. Assim, as narrativas partem do relato do outro, no caso, das moradoras do semiárido brasileiro.

Para ilustrar essa percepção, destacamos o modo como a primeira reportagem da série *"Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido"* apresenta as entrevistadas escolhidas como personagens do contexto narrado.

Na reportagem "Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises", publicada em 26 de outubro de 2021, há duas mulheres que exemplificam a realidade retratada: Dona Maria Neves dos Santos, que é apresentada da seguinte maneira:

"Aqui é a minha origem. A zona rural e o sertão são o meu lugar". Nascida no distrito de Abóbora, em Juazeiro, no sertão da Bahia, Dona Maria Neves dos Santos, 52 anos, vive uma vida parecida com a de tantas outras mulheres que moram no semiárido brasileiro. Ela, que estudou até a oitava série (equivalente hoje ao nono ano do ensino fundamental), trabalha com agricultura familiar e cria animais, como galinhas, para subsistência. Mãe de sete filhos, seis deles vivos, ela mora na comunidade com o marido, Dionísio Manoel dos Santos, e a neta.

Figura 1 - reprodução de tela da reportagem.

A seguir, reproduzimos a imagem da Maria, primeira personagem e fonte da reportagem citada, que consta no texto da *Gênero e Número*. A Imagem é do arquivo pessoal da entrevistada e mostra ela no cenário do seu cotidiano:



Figura 2 - reprodução de tela da reportagem.

A segunda personagem dessa reportagem é Dona Neci Batista, que é apresentada no texto a seguir:

Mãe solo de nove filhos, Dona Neci Batista, 77 anos, é mais um retrato das chefes de família do sertão. Nascida em São Rafael, mudou-se para a comunidade rural Morcego, uma vila de pescadores que fica a 3km da sede do município de Augusto Severo, no Rio Grande do Norte, em 1968. É lá onde vive até hoje. Ela mora sozinha e nunca foi casada no papel. Os filhos são de pais diferentes e, hoje, cada filho está em um canto do Brasil. "Graças a Deus meus filhos estão felizes, trabalhando. Mesmo crescendo sem pai, nunca deram trabalho e sempre foram unidos. Nunca foi fácil, mas consegui criar todos eles e ainda cuidar de mais uma que não é biológica", conta, orgulhosa.

Referência na comunidade, ela ajudou a fundar a Associação Comunitária de Morcego, considerada um divisor de águas para o desenvolvimento da região, em 1993. Aposentada e com os filhos já criados, Dona Neci se recusa a parar de trabalhar e continua com sua horta para subsistência e venda. Por hora, deixou de pescar e criar animais, mas pretende voltar em breve. "Eu só deixo de trabalhar quando o corpo não deixar mais".

Figura 3 - reprodução de tela da reportagem.

A seguir reproduzimos a imagem da Neci, que ilustra a reportagem, que também é do arquivo pessoal da entrevistada:



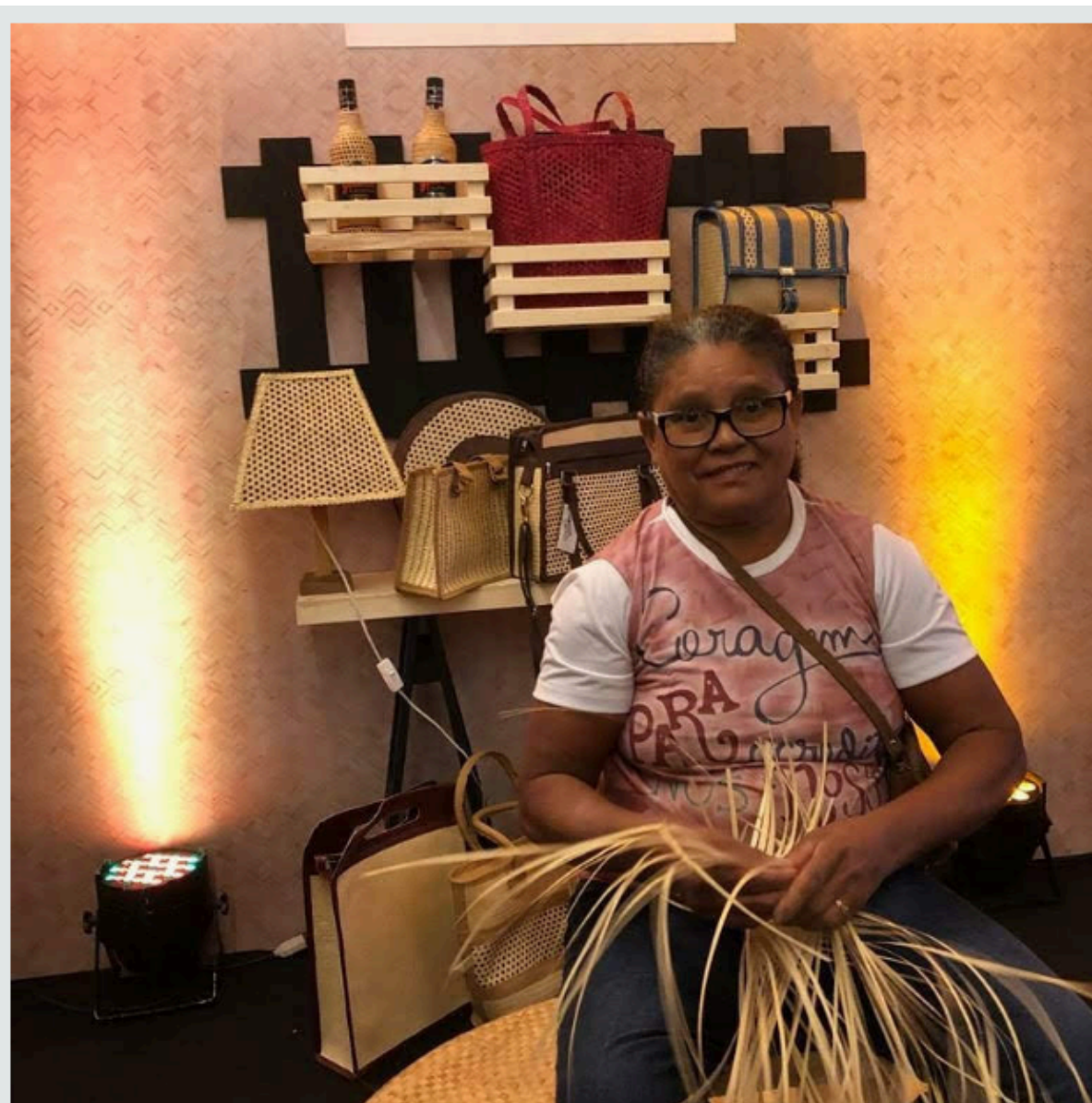
Dona Neci na sua horta para subsistência na zona rural de Morcego no Rio Grande do Norte| Foto: Arquivo Pessoal

Figura 4 - reprodução de tela da reportagem.

O fato das duas imagens serem cedidas pelas entrevistadas pode ter sido uma opção delas ou uma limitação da equipe de reportagem que não tinha fotógrafo. Todavia, também pode indicar que não houve uma entrevista presencialmente, um encontro entre jornalista e entrevistadas, que possibilitasse a produção de uma foto registro desse momento. Com isso não queremos desqualificar a qualidade de uma entrevista realizada de maneira remota, pois existem técnicas de entrevista que contemplam ambas modalidades sem prejuízo à informação. Queremos destacar a percepção de distanciamento das autoras em contraponto ao viés do jornalismo de subjetividade.

O substantivo feminino “dona” escolhido para se referir a essas duas mulheres chama a atenção. As outras duas entrevistadas da reportagem, Valquiria Lima e Andrea Pacheco Pacífico, não são referenciadas como “dona”. Essa primeira observação nos leva a pensar em uma maneira usual, entre os brasileiros, de se falar com e sobre mulheres mais velhas, em sinal de respeito. Mas, além disso, essa denominação também demonstra uma escolha da autora em como retratar essas mulheres. Elas poderiam ser apresentadas apenas pelo nome ou pela posição/cargo que ocupam, como é feito com as demais entrevistadas. Esse ponto já cria um distanciamento entre a autora e as personagens.

Seguindo a linha apresentada, a segunda reportagem da série *“Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido”*, intitulada “No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré também”, publicada em 27 de outubro de 2021, também denomina a artesã que ilustra a reportagem como Dona Maria da Conceição.



Dona Maria da Conceição trabalha com a palha de carnaúba desde criança | Foto: Arquivo Pessoal

Figura 5 - reprodução de tela da reportagem.

Para fins comparativos, compartilhamos também a apresentação da jornalista autora da primeira e da terceira reportagem da série citada:



VITÓRIA RÉGIA DA SILVA

É jornalista, escritora e cineasta. Graduada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela UFRJ, mora há oito anos no Rio de Janeiro. Faz parte da diretoria executiva e é editora-assistente multiplataforma da Gênero e Número, além de editora-chefe da Revista Capitolina. Integra a Gênero e Número desde 2017, e sua busca pela construção de uma comunicação que tenha como base as diversidades de gênero, raça e sexualidade é transversal a todas as atividades que desenvolve em rede e profissionalmente

Figura 6 - reprodução de tela da reportagem.

Além disso, a apresentação dessas mulheres ressalta um contexto “delas” - as mulheres sertanejas. O texto cita questões comuns a todas as mulheres brasileiras, como a cultura machista e patriarcal sob a qual todas nós estamos sujeitas, porém, essa questão é particularizada, como mostra o trecho a seguir:

“É necessário dar mais visibilidade às ações já realizadas pelas mulheres na estrutura familiar, comunitária ou de convivência com o semiárido. Sempre foi nossa perspectiva, mas sabemos que é um processo muito difícil pela cultura enraizada que está no campo também, e é machista, patriarcal. Sofremos com os grandes desafios de romper com essa estrutura”, diz Valquiria Lima.

Figura 7 - reprodução de tela da reportagem. *trecho retirado da reportagem “Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises”

É evidente que esse trecho está relacionado ao contexto da reportagem e não é nosso objetivo desqualificar a fala da entrevistada ou a narrativa noticiosa. Nosso intuito é demonstrar como um tema que poderia criar uma ponte entre as diversas mulheres brasileiras e a urgência do debate do clima, trazendo a perspectiva do jornalismo de subjetividade para essa abordagem feminista, foi particularizado e apresentado como uma realidade distante.

Seguimos a análise investigando quem fala nos textos com olhar atento para ver como a ciência aparece nas escolhas das fontes e dos dados. Já identificamos que as autoras são jornalistas mulheres, evidenciamos algumas personagens, mas queremos saber quem são os outros narradores que contribuem para a construção desses textos noticiosos sobre a questão climática. Entrevistadas mulheres, trabalhadoras, artesãs, agricultoras, mulheres chefes de família, pesquisadoras, estudantes, mulheres da política e mulheres representantes do terceiro setor, essas são as fontes das reportagens.

Para evidenciar as entrevistadas de cada reportagem, preparamos a Tabela 3 apresentada a seguir. Acreditamos que por meio da tabela fica mais didática e prática a visualização dos dados.

Tabela 3 - Entrevistadas (os) das reportagens

Conteúdo	Nome entrevistada (o)	Cargo/ocupação
Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises	Dona Maria Neves dos Santos	Agricultora e fundadora

	Valquiria Lima	Coordenadora da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA)
	Andrea Pacheco Pacífico	Pesquisadora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
	Dona Neci Batista	Agricultora e uma das fundadoras da Associação Comunitária de Morcego
No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré	Dona Maria da Conceição	Artesã
	Thais Silva de Almeida	Estudante de tecnologia de alimentos
	Raimunda Izidiane Nascimento Silva	Artesã
	Valquíria Lima	Coordenadora da Articulação do Semiárido (ASA)
WEBSTORIES - O que mudanças climáticas têm a ver com a vida das mulheres?	Valquíria Lima	Coordenadora da Articulação do Semiárido (ASA)
	Maria José de Souza Silva	Agricultora
Crise do clima no semiárido contribui para sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório	Maria José Ferreira Silva	Agricultora
	Valquíria Lima	Coordenadora da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA)
	Andrea Pacheco Pacífico	Pesquisadora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
ENTREVISTA - “Vivemos em sociedades violentas onde abuso, violência sexual e assédio são naturalizados”	María José Pizarro	Senadora na Colômbia
“Nós, mulheres, vamos erradicar o patriarcado”, convoca nova vice-presidenta da Colômbia, Francia Márquez	Ana Cristina González	Liderança feminista integrante do Movimento Causa Justa
	Eliana Riaños-Vivas	Ativista do movimento lesbofeminista Estamos Listas
A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro	Não tem entrevistados	

Tabela elaborada pela autora deste trabalho.

Como é possível observar pela tabela, nos conteúdos que compõem a série *“Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido”*, há a repetição das fontes. Esse especial, composto por três reportagens, foi produzido em parceria com o *Modifica*, que é uma organização de mídia independente sem fins lucrativos. Essas reportagens foram divulgadas em 26, 27 e 28 de outubro de 2021 e têm como fonte em comum Valquíria Lima, coordenadora da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e Andrea Pacheco Pacífico, pesquisadora e coordenadora do Núcleo de pesquisa sobre Deslocados Ambientais da Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB). A repetição dessas fontes compromete a pluralidade de vozes e o enriquecimento de um repertório sobre os temas da COP, essenciais para a sobrevivência em um planeta em crise. Considerando a lógica de produção jornalística de reportagens especiais, que permite um tempo maior para a apuração e elaboração dos textos, na intenção de fornecer relatos mais complexos e mais aprofundados sobre determinado assunto ou fato, é esperado que se tenha mais fontes de informação, sejam elas pessoas, instituições ou dados.

No que diz respeito a uma série especial de reportagens, a expectativa de pluralidade de vozes nos textos e de perspectivas narradas é ainda maior. Ressaltamos ainda, que o especial mencionado foi produzido em parceria com outra instituição, o que poderia ter ampliado ainda mais o alcance da equipe e acesso a fontes distintas. No entanto, observamos que a escolha dessas entrevistadas e a seleção das falas que compõem as narrativas da série denota um viés de cunho político e econômico para a abordagem da pauta do clima.

A partir dessa percepção, e olhando para os demais textos que compõem o escopo de análise deste estudo, observamos que a abordagem sobre temas relacionados às mudanças climáticas, na *Gênero e Número*, destaca mais o viés político e econômico em detrimento da discussão científica.

Apenas o primeiro texto do especial destaca questões ambientais, características geográficas e da biodiversidade do semiárido, demonstrando como as mudanças climáticas impactam esse o clima e a vida nessa região, explorando a questão da desertificação e aumento da temperatura. Essas questões são fundamentais para compreendermos o problema, especialmente, para aqueles que não vivem na região e não têm conhecimento empírico. Essa também é a reportagem que mais se aprofunda na pauta do clima linkando com o contexto global, trazendo informações, por exemplo, sobre a 26ª edição da Conferência das Partes (COP).

Tomando como referência a conduta editorial da *Gênero e Número* e as característica dos portais nativos digitais, *digital-ness* e *alternativeness*⁹, verificamos que a abordagem sobre a ciência que observamos nos textos do portal busca

⁹ Costa e Cruz (2020) trazem a seguinte definição: *digital-ness* (que têm produção multimídia, são in-terativos e propiciam participação dos leitores) e *alternativeness* (que usam termos alternativos ou ativistas, se autoidentificam como alternativos, têm algum grau de ativismo político ou estão comprometidos com a regeneração do jornalismo).

evidenciar a relação com o ativismo. Além de ser independente de grandes grupos de mídia, buscando renovar o modo tradicional de fazer jornalismo, como destaca Costa e Cruz (2020), a ênfase dos portais nativos digitais “está no uso de inovação e de técnicas digitais para (re)contextualizar o jornalismo na era digital, além de evidenciar uma relação com o ativismo.” (DA COSTA E CRUZ, 2020, p.176).

A seguir, vamos seguir com a análise da escolha dos dados que auxiliam no embasamento das reportagens.

3.2 - Dados

Assim como ocorre com as entrevistadas, observamos também que as fontes científicas e instituições se repetem. Essa observação panorâmica foi possível a partir da elaboração da Tabela 2 que está disponível como apêndice deste trabalho.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é um instituto público da administração federal, vinculado ao Ministério da Economia, são citados em dois textos: “No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré” e “A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro”.

Já nos textos “Crise do clima no semiárido contribui para sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório” e “Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises”, não é citado o IBGE, mas os textos apresentam dados do Censo de 2010, que é um levantamento de dados populacionais, sociais, econômicos e ambientais realizado pelo IBGE.

Sendo assim, verificamos que o IBGE é a fonte mais citada no escopo de textos analisados. Por ser uma instituição conhecida, confiável e de fácil acesso, compreendemos que o IBGE é uma fonte importante para o desenvolvimento do jornalismo de dados, conforme buscar praticar a *Gênero e Número*. Todavia, a repetição e o destaque dessa fonte, na abordagem de temas científicos, traz uma visão mais estatística e generalizada. Vale ressaltar que os dados do IBGE divulgados nas reportagens foram divulgados em 2010. Esse panorama retrata um Brasil que, em muitos aspectos, especialmente no que se refere ao meio ambiente e a economia, está distante do retrato atual do país.

Outras organizações de cunho político aparecem nos textos, como a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), Associação Macaúba de Muquém, Associação Comunitária de Morcego, Movimento Causa Justa e Movimento

Estamos Listas. Analisar essas informações, que estão distribuídas nos textos, pelo viés das textualidades midiáticas nos permitiu captar a conexão entre esses textos observando a marca editorial. São escolhas que conduzem para uma abordagem politizada sobre a pauta do clima. Isso não significa que a ciência foi desvalorizada ou que o texto não falou sobre as questões ambientais e climáticas envolvidas nas narrativas. O fato é que as fontes acessadas reforçam o posicionamento editorial da *Gênero e Número*. É um jornalismo que se posiciona e salienta a militância e o ativismo como um aliado para a solução, por exemplo, do problema enfrentado pelas mulheres sertanejas.

Também observamos que as reportagens do especial *"Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido"* e o infográfico *"A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro"* apresentam críticas ao governo brasileiro e a instituições governamentais, como mostra os trechos a seguir retirados da reportagem *"Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises"*:

Em 2021, a COP26 acontece em Glasgow, na Escócia, de 31 de outubro a 12 de novembro. Na Conferência, é esperado que os países apresentem planos de redução de emissão de gases causadores do efeito estufa para deter o aumento da temperatura global de mais de 1,5°C até o fim do século. No governo Bolsonaro, o país enfrenta descrédito internacional com desmonte da política ambiental, taxas recordes de desmatamento e retrocessos nos direitos das populações originárias.

Figura 8 - reprodução de tela da reportagem.

A reportagem encerra com os seguintes parágrafos:

Embora destaque a importância do programa de cisternas, Andrea Pacífico lembra que a água é um direito universal e todos deveriam ter acesso a ela. Ao se aproveitar da falta de políticas públicas consistentes para lidar com o problema, a "indústria da seca" se alimenta ao cobrar pela água ou barganha-lá por votos. E ao tomar a dianteira para tentar resolver o problema, a sociedade civil acaba desempenhando um papel que é do Estado.

"É muito fácil para o Estado transferir a responsabilidade para o terceiro setor. Claro que as pessoas tiveram que se juntar porque cansaram de ficar de braços abertos esperando o Estado fazer sua parte, mas o que eu defendo é educação e capacitação para ensiná-las a caminhar sozinhas", destaca. "É preciso mais programas que tenham como objetivo facilitar a vida do sertanejo no semiárido, para que ele não precise sair. É necessário mitigar os efeitos da seca e dos processos de desertificação e ensinar a convivência com o sertão. A gente precisa dar visibilidade ao problema", finaliza a pesquisadora.

Figura 9 - reprodução de tela da reportagem.

Há nos textos a menção às universidades Federal de Alagoas (Ufal) e Estadual da Paraíba (UEPB), a dados do DataSus, Mapbiomas, Atlas do Brasil e do

relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). Esses dados auxiliam na apresentação dos problemas causados pelas mudanças climáticas e comprovam as falas das entrevistadas, especialmente as sertanejas, que relatam as consequências e mudanças que observam na vivência cotidiana.

No entanto, apesar da presença desses dados e instituições, reforçamos que o destaque geral é o viés político, econômico e social sobre a pauta do clima. A ciência não é a protagonista no conjunto de textos analisados. Observamos que há uma alternância nas narrativas que, ora prioriza os dados, ora pende para uma abordagem mais humana, relacional e social. Nesse sentido, consideramos que a subjetividade adquire uma frequência variável na contação das histórias.

Essa característica pode ser uma opção menos sensacionalista para a abordagem do clima, visto que não trata o tema de maneira apocalíptica, mas situa o leitor no contexto urgente de ação política para mitigar os efeitos negativos das mudanças climáticas.

3.3 - Interseccionalidade

Nas seções anteriores, pontuamos que também é do nosso interesse observar aspectos de interseccionalidade na abordagem proposta pelo portal Gênero e Número. Foi possível identificar que o jornalismo feminista praticado pelo portal se preocupa em localizar a pauta considerando questões de gênero e raça considerando o contexto, político, social e geográfico.

As três reportagens do especial “Efeitos do Clima: Mulheres e seca no semiárido”, buscam localizar como as variações no clima impõem transformações na economia local e no sustento das famílias, trazendo para o debate a falta de políticas públicas para tratar esse problema e para mitigar os efeitos do aquecimento global.

Essas transformações que as populações do semiárido enfrentam também trazem mudanças para a paisagem local, o que aparece nas reportagens e para a organização familiar, como bem destaca a reportagem “Crise do clima no semiárido contribui para sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório”. Esse texto descreve, por meio das histórias da entrevistadas, como o deslocamento ambiental sazonal transforma as mulheres em “viúvas da seca”. A seguir trazemos o trecho em que o termo é explicado:

A história de Maria José Ferreira Silva é similar a de outras mulheres do semiárido, que são conhecidas como “viúvas da seca”. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1983, pelo jornalista João Batista Oliveira, para conceituar o fenômeno e histórias das mulheres e crianças do sertão nordestino que, por conta da estiagem, são deixadas temporariamente pelo marido ou pelo pai. No caso das mulheres casadas, são as viúvas de maridos vivos. Nesse contexto, as mulheres, além de exercer o papel de mãe, cuidadora do lar e agricultura, passam a acumular outras funções como chefes de família.

Figura 10 - reprodução de tela da reportagem.

Mas, para falar sobre interseccionalidade destacamos, além do conjunto de reportagem do especial, os três demais textos que compõem o escopo de análise deste estudo. A reportagem “Nós, mulheres, vamos erradicar o patriarcado”, convoca nova vice-presidenta da Colômbia, Francia Márquez”, discute as questões de gênero e raça de maneira explícita e contundente. A seguir, reproduzimos um trecho que destaca essa questão:

O protagonismo da vice Francia Márquez durante toda a corrida eleitoral foi importante para dialogar com feministas, mulheres e homens negros e indígenas. E engajá-los. “Colombia es mujer” (Colômbia é mulher) foi também slogan que esteve presente na campanha. Diferentemente de Gustavo Petro, Francia se colocou publicamente a favor do direito ao aborto diversas vezes. Quando o Movimento Causa Justa avançou com ação no Tribunal Constitucional da Colômbia, ela se declarou a favor da descriminalização com posicionamento contundente nos palanques, entrevistas e redes sociais.

Figura 11 - reprodução de tela da reportagem.

O texto inicia falando da eleição ressaltando que “a Colômbia terá na vice-presidência do país uma feminista antirracista e ativista ambiental.” e, no decorrer da reportagem, reforça o ativismo relacionado a esses temas e o que a vice-presidenta Francia Márques representa para esses movimentos sociais.

A reportagem/infográfico “A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro” também destaca a questão do racismo ambiental e correlaciona as questões sociais e políticas com os desastres ambientais, no Brasil, no período de 2019 a 2022, recorte referente ao mandato do presidente Jair Bolsonaro.

Por fim, destacamos a entrevista com María José Pizarro que, entre outros temas, fala sobre igualdade e justiça climática a partir de um posicionamento feminista.

Destacamos a pergunta número 4 para ilustrar como esse a pauta do clima perpassa a entrevista:

4 - A crise ambiental e as mudanças climáticas são temas centrais no seu trabalho e, segundo denúncias, a Amazônia colombiana está cada vez mais afetada pelo desmatamento e ataque a ambientalistas. O que precisa ser feito para interromper isso?

María José Pizarro _____ Infelizmente nós e o Brasil compartilhamos esse problema. No caso da Colômbia, há também outros ecossistemas que estão sendo arrasados e que são importantes não só para a Colômbia, mas para o equilíbrio climático do mundo. Temos muito claro que precisamos nos colocar em dia com os compromissos ambientais que assumimos internacionalmente e que isso tem que fazer parte de todos nós, por isso, é preciso que haja um despertar social, uma consciência social de que é preciso proteger não só a Amazônia, mas todos os ecossistemas.

Na luta contra as mudanças climáticas, se a consciência social não vier acompanhada de decisões políticas firmes, não vamos alcançar nem metade do que nos propusemos. Acabamos de passar por uma pandemia que é reflexo da deterioração ambiental. Essa é uma teoria que também alerta para o fato de que essa não será a única pandemia que enfrentaremos; não podemos minimizar nem esquecer o que aconteceu. Por isso, é uma luta política muito importante.

Leia também: [“Me considero feminista por ser mulher mapuche”, diz a constituinte chilena Rosa Catrileo](#)

Obviamente, o papel da mídia é vital nesse processo porque ela pode conectar as decisões políticas à sociedade e realmente colocá-las à serviço dessa consciência social, para que haja pressão também da sociedade no sentido de cobrar políticas que possam frear as alterações climáticas.

Figura 12 - reprodução de tela da reportagem.

Destacamos nesse trecho a inserção do link que direciona para outra reportagem. Essa reportagem não compõem o conjunto analisado neste estudo, mas gostaríamos de salientar a possibilidade de linkar temas, oferecendo um novo caminho para o leitor explorar, auxiliando na disseminação dos conteúdos do próprio portal e também atuando como uma ferramenta que o portal tem para direcionar a abordagem de uma tema. Essas possibilidades de cruzamento de textos é uma característica das textualidades midiáticas, em ambiente digital, mencionado anteriormente.

Como discutido anteriormente, os textos, sejam eles do mesmo portal ou consumidos em diferentes fontes e plataformas, dialogam na leitura e interação dos conteúdos. No conjunto analisado observamos como a pauta do clima dialoga com a realidade das mulheres do semiárido brasileiro, mas também como as questões de gênero, raça e meio ambiente são pautas no cenário latino-americano. Além de cruzar esses temas com a política.

4. Conclusão

Como é compreendido e demonstrado pelos estudos latourianos (SANTOS, 2018), a ciência e a política não são completamente separadas. Assim como, as questões climáticas não estão separadas das questões econômicas, de gênero, raça e saúde.

Esse é um dos apontamentos que pudemos observar no conjunto de textos analisados. Nos textos analisados, a todo momento, o leitor é direcionado à pauta do clima imbricada em questões políticas e econômicas.

É nesse sentido que observamos uma abordagem politizada da ciência, ou seja, o uso das questões climáticas como uma ferramenta para promover uma agenda política com viés crítico ao governo Bolsonaro. Nesse contexto, a divulgação científica é moldada de acordo com determinados interesses políticos, que podem ter influência na opinião pública.

Como posicionamento editorial não partidário, o portal não faz propagando política direta a nenhum partido, mas se posiciona como contrário às políticas do governo Bolsonaro de maneira clara ao reforçar, por exemplo, que o descrédito internacional do governo Bolsonaro em relação ao meio ambiente na reportagem “Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises” e apresentar o infográfico “A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro”.

Como bem mostram as reportagens do especial “Efeitos do Clima: Mulheres e Seca no Semiárido”, por meio das escolhas fontes e seleção das falas de Valquíria Lima e Andrea Pacheco Pacífico, compreender os impactos das mudanças climáticas, baseado em evidências científicas e na vivência das habitantes locais, é fundamental para formulação de políticas públicas mais efetivas e que impactam positivamente a vida das pessoas e a economia local.

A maneira como os textos são formulados nos levam a uma dança que hora prioriza o subjetivo, o ativismo e o ser humano, e hora tende para os dados. Essa modulação na abordagem, observada não só na estrutura dos textos, mas também nas escolhas das fontes, reafirma a conduta editorial que a Gênero e Número apresenta em seu site. No entanto, afirmamos que o jornalismo praticado é um jornalismo que se posiciona.

Por fim, consideramos que a linha editorial por um jornalismo de dados, pode aproximar os textos da **Gênero e Número** da divulgação científica, mesmo que não seja esse o objetivo do portal. Mas ressaltamos que a pluralidade de vozes não é priorizada como a pluralidade de fontes de dados. Esse fato pode ser prejudicial para a complexificação de temas relacionados à Ciência e também as demais searas da vida dos leitores. A pluralidade de vozes traz aos textos contextos diferentes, perspectivas distintas, e mesmo contrárias, que permitem ao leitor refletir sobre o tema e desenvolver o pensamento crítico, fundamentais para a consolidação da cidadania. Como um portal que se propõe a produzir “conteúdos de referência para pessoas e organizações comprometidas com o diálogo amplo que a democracia pressupõe.”¹⁰, a falta de pluralidade é um fator preocupante.

¹⁰ Trecho da página institucional do site Gênero e Número. Disponível em: <https://www.generonumero.media/sobre/>

Referências

A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro. Gênero e Número, 10 de novembro de 2022. Entrevistas. Disponível em:

<<https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-erradicar-patriarcado-colombia/>>.

BIANCONI, Giulliana; DA SILVA, Vitória Régia. **“Nós, mulheres, vamos erradicar o patriarcado”, convoca nova vice-presidenta da Colômbia, Francia Márquez.**

Gênero e Número, 20 de junho de 2022. Entrevistas. Disponível em:

<<https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-erradicar-patriarcado-colombia/>>.

Comparando os Incêndios de 2020 com 2021 no Pantanal: O que mudou?. SOS Pantanal, 2021. Disponível em:

<<https://www.sospantanal.org.br/comparando-os-incendios-de-2020-com-2021-no-pantanal-o-que-mudou/>>. Acesso em: 15/05/2023.

DA COSTA, VERÔNICA SOARES; CRUZ, LUANA LUANA TEIXEIRA DE SOUZA .

Textos de ciência em ambiente digital:percurso exploratório em Nexo e Vox sobre vacinas. Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 17, p. 175-184, 2020.

DA SILVA, Vitória Régia. **Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises.** Gênero e Número, 26 de outubro de 2021. Disponível em:

<<https://www.generonumero.media/reportagens/desertificacao-semiarido-mulheres/>>

.

DA SILVA, Vitória Régia. **No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré.** Gênero e Número, 27 de outubro de 2021.

Disponível em:

<<https://www.generonumero.media/reportagens/semiarido-artesas-carire/>>.

O que mudanças climáticas têm a ver com a vida das mulheres?. Gênero e Número, outubro de 2021. Webstories. Disponível em:

<<https://webstories.generonumero.media/clima/mudancas-climaticas/>>.

DA SILVA, Vitória Régia; MARTINS, Flávia Bozza. **Crise do clima no semiárido contribui para sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório.** Gênero e Número, 28 de outubro de 2021. Disponível em:

<<https://www.generonumero.media/reportagens/viuvadas-seca-mudancas-climaticas/>>.

DA SILVA, Vitória Régia. **“Vivemos em sociedades violentas onde abuso, violência sexual e assédio são naturalizados”.** Gênero e Número, 7 de abril de 2022. Entrevistas. Disponível em:

<<https://www.generonumero.media/entrevistas/senadora-colombiana/>>.

Desmatamento em 2021 aumentou 20%, com crescimento em todos os biomas. Conselho Federal de Biologia, 2022. Disponível em:

<<https://cfbio.gov.br/2022/07/22/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas/>>. Acesso em: 15/05/2023.

LEAL, Bruno. **Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação**. In: LEAL, B.; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, Geane. Textualidades Midiáticas. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018. 172 p. (Olhares Transversais). Disponível em: <<http://www.seloppgcom.fafich.ufmg.br/index.php/seloppgcom/catalog/book/1>>.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. Revista Extraprensa, São Paulo, v.12, n.2, p. 204-219, jan/jun. 2019.

POPADIUK, Barbara Maria e WOITOWICZ, Karina Janz. **A perspectiva de gênero e militância nos portais jornalísticos Gênero e Número, Portal Catarinas e revista Azmina**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021.

SANTOS, A. E. S; VIANA, Gabriel Menezes. **Construção do conhecimento em uma revista de divulgação científica: uma análise ator-rede**. Dissertação (Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) - Universidade Federal de São João Del-Rei, 2018.

SARMENTO, Rayza. **O feminismo no jornalismo (1921 a 2016)**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 58, p. 1-36, 2020.

SILVA, Jaqueline Andriolli e WOITOWICZ, Karina Janz. **A cobertura das eleições 2020 nos portais Catarinas e Gênero e Número: aspectos do jornalismo alternativo feminista**. In: AÇÃO MIDIÁTICA, n. 25, jan./jun. 2023 Curitiba. PPGCOM - UFPR, ISSN 2238-0701.

ANEXO

TEXTO	Autor mulher	Foto	Vídeo	Infográfico	Hiperlink
Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM
No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM
WEBSTORIES - O que mudanças climáticas têm a ver com a vida das mulheres?	-	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Crise do clima no semiárido contribui para sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM
ENTREVISTA - “Vivemos em sociedades violentas onde abuso, violência sexual e assédio são naturalizados”	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM
“Nós, mulheres, vamos erradicar o patriarcado”, convoca nova vice-presidenta da Colômbia, Francia Márquez	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM
A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro	Não identificado	NÃO	NÃO	SIM	SIM

TEXTO	Fala de cientista a mulher	Fala de político mulher	Fala de mulheres 3 setor	Cita o governo brasileiro	Menciona a COP 26 ou a 27	Dados científicos	Dados do relatório do IPCC	Dados do IBGE
Mudança climática aumenta desertificação no semiárido e expõe mulheres a novas crises	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO
No semiárido cearense, mudanças climáticas afetam o trabalho das artesãs do Cariré	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
WEBSTORIES - O que mudanças climáticas têm a ver com a vida das mulheres?	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
Crise do clima no semiárido contribui para	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO

sobrecarga feminina e alteração do fluxo migratório								
ENTREVISTA - “Vivemos em sociedades violentas onde abuso, violência sexual e assédio são naturalizados”	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
“Nós, mulheres, vamos erradicar o patriarcado”, convoca nova vice-presidenta da Colômbia, Francia Márquez	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
A cor das tragédias climáticas no governo Bolsonaro	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM